



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — A musica na educação. — Clementina Velho. — Notas vagas. — Concertos.
— Noticiario. — Necrologia.

Melchiade Ferlisi

A musica na educação

O estudo da musica fórma uma das partes mais essenciaes da educação civil, pois que nobilita as nossas maneiras, augmenta a sensibilidade do coração, e procura ao espirito uma honesta e innocente recreação.

O gosto pela musica é indício certo d'uma bella indole, d'um coração sensível e d'uma bella alma.

Dr. Schilling.

A educação publica por meio das Bellas-Artes, disse Tomasão, em meio seculo crearia um povo novo. Se isto não se pôde dizer inteiramente verdadeiro, não ha duvida porém, que todas as artes exercem uma grande influencia, uma fascinação potente no sentimento e na imaginação. E entre as Bellas-Artes está em primeiro lugar a musica, como aquella que tem uma acção geral e mais potente do que todas as outras.

«A pintura e a estatuaría podem despertar profundos e caros sentimentos como a *Prece* de Pampaloni e a *Confidencia* de Bartolini; suscitar na mente sérias e solemnes reflexões como nas pinturas de Hayez (o historico de Veneza e da moderna Grecia) e no *Diluvio* de Bellosio; mas a sua immobillidade suscita-vos tambem sempre uma idéa de materia inanimada, que insinuando-se entre as sensações inteiramente vitæas, lhe diminuem o effeito.

Alem d'isto bem poucos argumentos podem ser tão claros para o comprehender sem o concurso d'alguma noção historica ou mythologica, não commum a todos.

A poesia não é menos do que a musica,

cheia de vida, mas nem todos a entendem, porque nem todos foram bastantemente cultivados na faculdade intellectivel.

Mas o idiota que não entende uma composição poetica, que passará mil vezes diante da mais bella pintura, da mais bella estatua sem mesmo se dignar fixal-a, reconhecerá todo o poder da musica a menos que não tenha mal construido o ouvido.

«Todos, mais ou menos, quando constituidos em condições normaes, sem distincção de casta, de nacionalidade, de patria, de educação, e por fim de religião e de moralidade, todos entendem o seu significado e a sua expressão, porque se figa justamente do modo mais intimo com quanto ha de mais nobre e de mais profundo na nossa natureza». A musica, melhor do que todas as outras artes, exprime com as gradações da nota até a mais pequena *nuance* do sentimento, e bem se pôde dizer uma linguagem universal, que é comprehendida até mesmo pelo mais ignorante e humilde dos homens.

«E' um ar respiravel», diz o illustre dr. Vigna, que as almas absorvem naturalmente sem darem por isso.

E quem não conhece as forças d'estas influencias latentes que actuam sobre nós d'um modo insensível, e se curvam docemente a habitos contra os quaes somos tanto mais impotentes para reagir, quanto menos notamos a força misteriosa que os impõe?»

O Universo é todo uma fonte de harmonia musical: o silvo dos ventos, o murmuro do regato, o gorgueio dos passaros, o primeiro som que sae da bocca da creança, a linguagem do homem, tudo é harmonia. A musica pôde bem dizer-se, como Masutto, está ligada á sorte dos povos.

Ella de facto, «nos revela a prosperidade

ou a decadencia, a força ou a fraqueza dos costumes, a disposição para as sciencias, e cultura dos nobres sentimentos, e descobre por assim dizer, cada fibra do coração humano.

Eu não farei aqui o *panegyrico* da musica, pois que seria o mesmo que levar agua ao mar, tanto é o accordo de todos aquelles que fallaram d'ella e a appellidam rainha do sentimento. O meu unico fim é fazer notar quanto ella é uma arte eminentemente educadora, apta a educar o coração a delicados, nobres e generosos sentimentos, mais que qualquer outro meio educativo.

Se o sentimento é parte essencial da vida, a musica que é a mais potente excitadora, a verdadeira linguagem perante o sentimento, deve fazer parte essencial da educação. A mamã, a cara, a meiga mamã, que canta á sua delicada creaturinha para que não chore, para que socegue os seus desejos, é a primeira a manifestar-nos um juiz muito pedagogico: ella, talvez inscientemente, sabe que a musica alliviará as dôres do seu caro filhinho, e serve-se d'ella com muita efficacia.» A musica considerada como meio de educação popular, pôde melhor que qualquer outra arte exercer influencia sobre a moral. Ella serve, de facto, potentemente para fazer nascer e desenvolver aquelles sentimentos de generosidade, de devoção e de entusiasmo, que formam as forças d'um povo. Ella os faz brotar das suas fontes, mandando o seu echo ao mais intimo da nossa alma. Ella tem por isso admiraveis recursos e longe de ser como as outras artes condemnada á immobildade, opéra e transforma-se de continuo com os seus contrastes, com os accordes simultaneos, com a combinação dos rhythmos mais variados. Por meio d'esta forma animada, ella sacode os espiritos mais inertes, e communicando-lhes o seu mesmo movimento, evoca pensamentos confusos, complexos, inexplicaveis, que estão occultos em cada um de nós.

A musica fornece pois a cada espirito uma imagem que se adapta ás naturezas mais desiguaes, porque ella respeita a plena liberdade da nossa alma, e só a convida a uma mutua e intima collaboração. Igual á eloquencia, ella tem o dom de penetrar nas multidões, de as abalar e levantar em unisono. Ella torna-as mais fortes, mais corajosas, exalta-as na hora do perigo, ampara-as nas provações e nas mãos dos verdadeiros mestres torna-se um dos instrumentos mais energicos de sociabilidade, porque na sua potencia aproxima e une entre si os homens com vinculo mais apertado, activo e intimo.

Os effeitos que produz a musica são a

mais esplendida prova do seu poder educativo. Ella, de facto, no dizer d'um egregio pedagogista, infunde serenidade no espirito, dispõe á hilaridade, allivia as afflicções e acalma as paixões. A alma mais feroz sente-se impellida algumas vezes á ternura e ao pranto por uma musica suave; as afflicções e as dôres mais intensas acham n'ella muitas vezes um suavissimo allivio. E' ella mesmo que com o hymno excita os povos á guerra, com o *Miserere* enche as multidões de piedade e de mystico fervor, com a *romanza* conquista os corações das donzellas, e com o drama ensina ao povo a historia e a virtude, fazendo-a transparecer no meio d'um ideal de poesia e de harmonia, ao qual não se resiste, e que é mais potente talvez que um tratado de philosophia ou de moral».

Era no theatro, no dizer de Fantoni, que se viam os velhos alquebrados e venerandos, os collegas novos dos estudos, os camaradas intrepidos das patrias batalhas, enthusiasmarem-se com os faceis coros das operas de Verdi, alegrarem-se com as arias graciosas e não philosophicas do *Barbeiro*; commoverem-se unanimes, até ás lagrimas, com os delirios melodicos de *Alina*, da *Linda* e da *Lucia*; fremirem todos ás phrases deliciosamente tragicas do *Guilherme Tell*; e enthusiasmarem-se inquietos, fanatisados pelos grandiosos concertantes das operas dos grandes *maestros*, os quaes lhes faziam aspirar e transfundir, até á volupia, as suas dôres e as suas esperanças.

«Quem não experimentou ainda ao ouvir certa melodia, humedecer-se-lhe os olhos, como a uma voz querida, como a uma doce recordação que se aviva? E, uma ou outra vez, quem se não sentiu melhor, mais franco, e com a alma ennobrecida subitamente, o coração mais generoso, a vontade mais honesta?... Como se explica a influencia da melodia e da harmonia sobre o senso moral?

Que cousa vos disseram aquellas notas? quaes as razões que vos expuseram para inspirar-vos o bello, o bom, o grande? Não seria a musica uma lingua perdida, da qual temos esquecido o sentido e conservado unicamente a harmonia?

Não seria uma reminiscencia?

A lingua de antes ou talvez a lingua de depois?». Para indicar um coração sensivel, nobre, generoso, nós costumamos dizer: *coração de musico*; pois bem, não ha expressão mais verdadeira que esta.

A vida dos grandes musicos está toda cheia d'accções generosas, de nobres sentimentos e de obras beneficas. Sempre, por toda a parte vêmos a musica associar-se á

beneficencia, ou a ajudar o indigente, ou a proteger o talento, ou a socorrer a desventura, ou a animar o genio, sempre, por toda a parte vêmos o musico, o cantor, o tocador correr prompto a offerecer ao irmão necessitado a sua benefica mão. Quanto deve a humanidade á musica! quanto fogo, quantos enthusiasmos tem ella despertado; quantas angustias tem acalmado; quanta poesia tem inspirado no coração dos homens; quantas obras beneficas tem sabido cumprir! Como não reconhecer a sua enorme potencia? Como não consideral-a parte essencial da educação?

Perguntarei ao mais encarniçado detractor da musica: qual outro meio ou subsidio educativo sabe dar-nos tanta abundancia de effeitos na educação do sentimento?! Que arte, que sciencia tem um poder igual ao da musica na educação do coração humano?!

(Continúa).



Clementina Velho

Eis aqui uma artista portugueza, que ainda não tínhamos apresentado aos nossos leitores,

e que merece comtudo um lugar de eleição entre os nossos melhores cultores do piano.



Nascida em Londres de paes portuguezes e aparentada com familias da nossa primeira sociedade (Pinto Leite, Penha Longa), D. Clementina Ferreira Velho cedo manifestou uma tão decidida vocação para

a musica, que, arredando preconceitos de casta e fitando exclusivamente ideaes de pura arte, deliberou consagrar toda a sua vida á ardua carreira de concertista. Depois de ter feito a primeira educação na capital ingleza, veio fixar-se no Porto, continuando o estudo da musica theorica e do piano sob a direcção da reputada professora portuense, D. Candida Carmo. Seguiu, passados annos, para Berlim, tendo ali successivamente por mestres Vianna da Motta, Teresa Carreño e Conrad Ansoerge.

Foram esses tres luminares da arte da musica que burilaram as preciosas qualidades nativas da nossa gentil compatriota e lhe ornaram o espirito de novas galas. E em

poucos annos, aos primores de um temperamento privilegiado e de uma individualidade musical inconfundivel, vieram juntar-se o saber profundo e a technica perfeita, que são apanagio de todo o verdadeiro artista.

A sua estreia, em Berlim, ha poucas semanas, foi para a encantadora concertista portugueza um primeiro triumpho, que não podemos deixar de registrar com alegria.

A *Toccata e Fuga* de Bach-Busoni, as 32 *Variações* de Beethoven, *Polonaise*, *Impromptu*, *Berceuse* e *Ballade* de Chopin, *Gondoliera* e *Tarantella* de Liszt, pois taes foram as obras de que constou o seu *recital*, tiveram por parte de Clementina Velho uma interpretação tão acabada e artistica, que não só o publico se lhe manifestou com signaes de inequivoca sympathia, mas a critica, tão severa e tão independente na Allemanha, foi unanime em tecer-lhe invulgaes applausos.

Voltando á terra portugueza, a illustre artista tem direito á modesta homenagem, que hoje lhe rendemos, publicando-lhe o retrato e estas breves linhas; pena é que a não possamos ouvir por agora em Lisboa. Depois de estar entre nós alguns dias, a joven concertista seguiu para o Porto, onde nos consta que dará brevemente um concerto. Espere-mos pois pacientemente que nos toque a vez de a admirar e applaudir.



Cartas a uma senhora

152.^a

De Lisboa.

Pergunta-me V. Ex.^a como é que eu, das as minhas idéas sem reboço manifestadas sempre, me entendo agora com alguns dos meus habituaes e melhores amigos, tão diametralmente oppostos a ellas.

Ah! querida amiga, essa mesma pergunta acaba de fazer-m'a um dos mais bellos, mais vivos, mais penetrantes espiritos da nossa terra, homem de lettras inconfundivel, propagandista politico infatigavel.

E quer saber a minha resposta? E' triste e desoladora conforme quasi não podia deixar de ser.

Segreguei-me ao convívio da maioria d'elles, e para não bulhar a cada passo, fiz o sacrificio violento mas necessario de affeições que os annos tinham cimentado e que a limalha dourada de illusões communs havia polvilhado de seducção e de encanto.

Lembrando-me, porém, do que o subtil e transcendente Renan respondia a Taine, quando este se lhe lamentava de haver sido forçado a interromper as suas relações com a princeza Mathilde ao tratar de Napoleão nas suas monumentaes *Origens da França Contemporanea*, — que para servir o que julgava a Verdade quebrara elle as suas com uma entidade um tudo nada superior a essa princeza, pois essa entidade vinha a ser, Deus Nosso Senhor segundo clamava a propria Igreja: eu que nem por sombras carecia de chegar aos extremos ao que o auctor da *Vida de Jesus* e o auctor da *Intelligencia* tiveram de chegar, limitei-me muito simplesmente a não affrontar com a minha presença aquelles e aquellas que não opinam da mesma maneira que a minha, em face dos variados e complexos problemas da vida social contemporanea em Portugal.

Por certo que assás doloroso me foi esse corte brusco em habitos, em praticas, em predilecções que tanto enchiam as horas da minha existencia espiritual, e não é impune-mente que se faz calar o coração que só sabe sentir, em nome do cerebro que não póde eximir-se a pensar; mas quando a consciencia nos diz que em tudo quanto fizemos não deixámos de pôr o melhor da nossa consciencia e toda a absoluta sinceridade de que sômos susceptiveis, julgo não haver motivo para remorso, e apenas logar para a saudade.

Tal foi o meu caso. Puz esse juiz interior de todos nós no pretorio que se lhe abria para deliberar, e resignadamente me curvei á sentença dada.

Outros terão odios, e não poucos alimentarão rancores, por mim que só compre-hendo a necessidade de odiar o proprio odio, e que ingenuamente acredito no poder invencível do eterno amor, do influxo do qual, ousou esperar a definitiva regeneração da humanidade e a total desmaterialisação do mundo: por mim, convenço-me que os rudes e torvos momentos que nos dominios da affectividade estamos passando, hão de talvez desaparecer em breve periodo, visto ser impossivel e insubsistente toda a agglomeração social que não repouse na sympathia e na concordia, e que não tenha a norte-a-la um alto e incontaminado ideal de tolerancia e de doçura, de abnegação e de justiça, de civismo e de grandeza.

A fumarada espessa que mais ou menos

suja a atmosfera do lindo ceu de Portugal, nem mesmo como desabafo de animos inquietos, poderá tolda-lo por muito tempo, pois tantos são os problemas que se levantam diante dos olhos de quem na estrada segue, que não haverá vagar para dispersar energias terçando um mau combate, que viria a ser uma derrota, e um desastre até para quem triumphasse, dado que podesse chamar-se triumpho ao instantaneo predomínio de elementos maus. E assim deverão classificar-se os que no presente minuto da nossa historia collectiva pensarem em coisa diversa d'esta — augmentar a felicidade nas almas, e o bem-estar nos individuos.

Este amoravel, generoso, heroico povo português, que tudo tem soffrido com uma paciencia inconcebivel, e com uma elevação inacreditavel, dia a dia nos está dando a todos eloquentes lições de desprendimento e de nobreza, de solicitude e de carinho, que são para meditar e não podem ficar despercebidas nem dos que cá dentro o contemplam nem dos que lá fóra o estudam.

Demais sabia elle que tudo lhe faltava, desde o pão para a bocca até á luz para o entendimento; mas por que o sabia e com isso soffria na sua dignidade e na propria inteireza do seu ser, ei-lo que se congrega em ligas, em associações, em gremios, e a tudo procura dar batalha: á ignorancia e á fome, ao egoismo e ao crime, á injustiça e ao erro.

E todos nós, publico, temos ultimamente assistido á fundação de cantinas escolares para as creanças, de balnearios para os pobres, de casas de trabalho para os inactivos; esboçam-se colonias de aproveitamento para os inadaptados, casas de repouso para os enfermos, maternidades para as parturientes; a assistencia infantil deixa de ser um sonho, e a protecção aos menores e o saneamento dos vadios tambem em breve entrarão no dominio da realidade.

Cumulativamente, pontos de mais levantadas theses começam a interessar as chamadas classes cultas; multiplicam-se as conferencias de especialidades, e agrupam-se os estudiosos e os sabedores para o fim de tornarem de todo viavel um Portugal novo, refeito pela Sciencia, illuminado pela Arte, rejuvenescido pelo Trabalho.

Com tudo isto em activa fermentação, onde fica espaço e ensejo para a intriga medrar, para a sisania viver, para a malvadez se impôr?

Recuso-me a admitti-lo, e isso passageiramente me consola do pessoal soffrimento que ao meu bem-estar como individuo, e ás minhas preferencias como animal egoista, porventura veio trazer uma differente ordem

de coisas que agora se iniciou, e dentro de cujo plano parece não caberem, com tristeza o verifico, todos aquelles que, embora continuemos a chamar amigos, de modo especial o são, quer pela fatalidade dos motivos que despoticamente os impellem, quer pela inconsciencia das causas que não apprehendem ou persistem em não querer desfiar.

E assim seguem, isolados e retrahidos, caminho differente d'esse que a nós se affigura o unico capaz de salvar-nos e em cujo horizonte um bom sol principia a romper, beijando com os seus raios vivificantes e fulvos as flôres que já vêmos desabrochar...

AFFONSO VARGAS.



Em 5 realisou a Academia de Estudos Livres o seu 3.º concerto classico.

Compunham o programma um quarteto de Pleyel, discipulo de Haydn, um delicioso trio de Klengel e outro de Mendelssohn; um dueto e um quarteto de Godard; um curioso *echo* de Haydn, e um *minuetto* de Silveira Paes, que faz parte dos executantes d'estes concertos.

Como nos anteriores, numeros houve que mereceram mais accentuadamente os applausos da assistencia, mas em todos se notou a boa vontade dos sympathicos artistas e amadores. Nos instrumentos, especialisaremos um oboé, que seguramente virá a ser alguém muito distincto, porque já agora se faz applaudir sem favor.

O *minuetto* de Silveira Paes affigurou-se-nos estar escrito dentro dos moldes do genero e denota sobriedade e elegancia.

Precedeu o cencerto uma bella palestra do illustre e já benemerito professor Thomaz Borba, que durante alguns quartos de hora prendeu o auditorio com sensatas e suggestivas considerações sobre a educação musical do povo, sobre orpheons, sobre o desenvolvimento d'elles no estrangeiro, contando por signal curiosas audições a que lhe foi dado assistir em viagens que tem feito.

Prometteu Thomaz Borba honrar a *Arte Musical* com o texto da sua erudita e apreciavel palestra, e por isso nos não alongaremos mais, dizendo o que ella representou de trabalho e de estudo.

Resta-nos continuar felicitando a Academia de Estudos Livres pela dedicação com que prosegue na civilisadora crusada que emprehendeu e em que sem duvida não desanimará.

*

Excedeu toda a expectativa o exito dos dois concertos realisados no Porto, a 7 e 9, pela cantora Auguez de Montalant e por Mr. e Madame Delune, respectivamente pianista e violoncellista.

Sobretudo a cantora teve um verdadeiro triumpho, sendo a critica unanime em proclamar-lhe a doçura e avelludado da voz, a igualdade e facilidade em todos os registos, e o sentimento justo da interpretação. Madame Montalant especializou-se nos auctores modernos, cantando com summa proficiencia obras de Franck, Dubois, Saint-Saëns, Lenepveu, Messager, etc., e sendo applaudida no fim de cada uma d'ellas com o mais expontaneo dos enthusiasmos.

Louis Delune só se produziu a solo no segundo concerto. Quando ha seis annos este artista esteve em Lisboa, com Cesar Thomson, deixou aqui uma impressão bem pouco lisongeira, como pianista. Tocando agora no Porto a *Chaconne* de Haendel, a *Pastoral e Capricho* de Scarlatti, e algumas composições proprias, além das obras em que collaborou com sua esposa, Louis Delune foi alvo, ao que nos informam, das maiores demonstrações de agrado. Estaria o artista nos seus bons dias, ou primará o publico portuense, em benevolencia, sobre o nosso? E' verdade que em seis annos todo o artista tem o direito de progredir. O Delune de 1905 pôde muito bem não ser o mesmo Delune de 1911, e tanto parece ser assim que a critica portuense lhe louva «a posição elegante, a technica rigorosissima, a extraordinaria agilidade e a sonoridade de raro encanto».

Quanto a Madame Delune, violoncellista, tocou entre outras obras de menor importancia, a *Sonata* de Brahms, op. 99, uma *Suite* italiana de auctores antigos, a *Sonata* de Beethoven, op. 5, a *Sonata* em sol maior de Bach, a *Fantasia* de Servais e uma *Sonata* de Delune. Parece que se apresentou extremamente nervosa no primeiro concerto, prejudicando um tanto o effeito de algumas d'essas obras; no segundo, porém, já mais tranquillizada, fez-se applaudir com plena justiça.

Apezar d'esses pequenos transtornos e graças principalmente ao concurso da notavel cantora a que ha pouco nos referimos, os dois concertos do *Orpheon Portuense* podem considerar-se como duas festas musicas de summa importancia.

Os programmas inseriam notas muito interessantes, sobre Bach e Brahms, firmadas pelo professor Moreira de Sá.

*

Vianna da Motta. — O nosso grande pianista continua sendo o unico musico que o publico de Lisboa vae ouvir em concerto. Nenhum outro consegue attrahi-lo.

Vianna da Motta dá d'esta vez quatro concertos: o primeiro a 4 do corrente mez no Salão do Conservatorio, outros dois a 7 e a 12, no theatro da Republica, sendo este ultimo em *matinée*, e amanhã o de despedida no mesmo theatro. As salas encheram-se, os applausos nem um só momento enfraqueceram e o pianista viu-se obrigado a executar varios numeros fóra do seu programma, para satisfazer a commoção do publico. E foi escutado em silencio, na serie integral dos seus programmas. Apenas, no Conservatorio, um leque algo insistente pareceu não comprehender bem a *Sonata* de Chopin. Mas foi só um e o artista não o via, nem felizmente o ouviria.

Ha porventura a notar differença nos dois publicos... O do theatro da Republica, no concerto de 7, festejou com mais calor e viveza as peças brilhantes, as peças propositalmente escriptas para os grandes publicos. Já assim se nos afigurou succeder com os concertos de Ysaye e Pugno. Entretanto Vianna organisou os programmas em obediencia a um só criterio artistico e crêmos que fez bem porque o ultimo concerto, dos que até hoje se effectuaram, trouxe ao theatro uma enchente completa.

E não teremos mais concertos, alem do de amanhã?

Não nos parece esgotado o desejo das platéas em ouvir o nosso illustre mestre. Nós é que já não podemos accrescentar mais uma palavra de admiração ás muitas que em annos successivos, lhe temos dirigido. Vianna é sempre o mesmo grande artista. E com verdadeiro prazer o constatamos.

Eis a serie completa das peças que o artista executou nos tres concertos já realisados:

Bach-Busoni: — *Chaconne*, transcripta do violino; *Preludio e Fuga* em ré maior, transcripta do órgão.

Beethoven: — *Sonata* em fá, op. 57; *Sonata* em lá bemol, op. 110.

Schubert: — *Fantasia* em dó maior, op. 15.

Schubert-Liszt: — *Marcha; Wohin.*

Weber: — *Polacca* em mi maior.

Mendelssohn: — *Preludio e Fuga* em mi menor, op. 35.

Schumann: — *Carnaval*, op. 9.

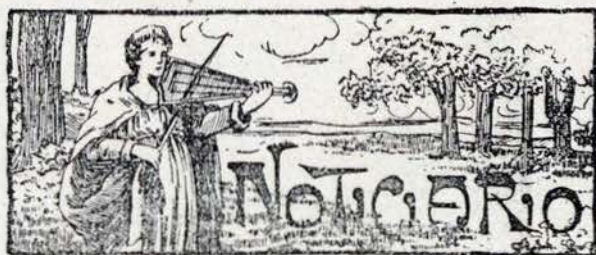
Chopin: — *Sonata* em si menor, op. 58; *Polacca-Fantasia*; *Polacca* em lá bemol, op. 52; *Estudos*, op. 25, n.º 1, 2 e 7; ditos, op. 10, n.º 10, 5, 7 e 4; *Berceuse*; *Valsa* em lá bemol; *Preludio* em lá maior.

Liszt: — *Poesias* (pela 1.ª vez) — a) *Cancão de Mignon*; b) *A' borda du Rheno*; c) *Ao berço*; d) *Loreley*; — *Sposalição*; *3 Sonetos de Petrarca*; *Duas Legendas*: S. Francisco d'Assis prégando aos passaros e S. Francisco de Paula sobre as ondas.

Paderewsky: — *Capriccio*, op. 14 (genre Scarlatti).

D'Albert: — *Scherzo*.

Vianna da Motta: — *Chula*; *Valsa*; *Vito*; *Adeus! minha terra*.



PORTUGAL

Para os dois proximos mezes estão já contractados pelo *Orpheon Portuense* os seguintes artistas: Para 1 e 3 de março, o barytono Jan Reder; para 13 e 15, como já annunciámos no numero passado, o pianista Lucien Wurmser e a cantora Ida Réman; para 25 e 28 de abril, o violinista Boucherit.

*

No Salão Bechstein (Porto), de que é proprietario o nosso presado amigo, Raymundo de Macedo, propôz-se este illustre pianista realisar uma série de oito conferencias sobre o ensino do piano.

A primeira conferencia estava annunciada para 12 d'este mez, e devia versar exclusivamente sobre a technica moderna do piano.

*

Temos presente o relatorio do *Monte Pio Philharmonico*, referente ao exercicio transactado (anno de 1910).

O capital d'essa philanthropica instituição acha-se elevado a 49:200\$000 réis nominaes, ou sejam 19:500\$650 effectivos, e o balanço apresenta um saldo positivo de réis 16:628\$865.

E' manifesto o desequilibrio entre esta florescente situação financeira e o numero diminuto dos associados, que são apenas 137, entre effectivos e honorarios; d'isso se quei-

xa a propria direcção, no seu relatorio, lembrando a necessidade de refundir os estatutos de modo a garantir mais largas vantagens aos socios e promover assim maior numero de adhesões. E' effectivamente o que parece impôr-se.

*

Entre os artigos que o nosso bom amigo e collaborador, Alfredo Pinto (Sacavem), tem publicado ultimamente na *Nação*, causou-nos vivo prazer o que vem inserto sob o titulo de *Vida musical*, no numero de 6 do corrente, relatando uma *interview* com o illustre amator, sr. Marquez de Borba.

Na impossibilidade de transcrevermos na integra esse bello artigo, não podemos resistir á tentação de recortar, com a devida venia, os periodos que melhor desenhão esse nobilissimo vulto, que todos respeitamos, pelo talento, tão bastas vezes comprovado, pela illimitada dedicação á causa da arte, e, acima de tudo, pela acrysolada bondade de character, que a todos encanta e atrahê.

Diz o articulista: — «A sua figura altamente sympathica, a sua singeleza que captiva, a sua modestia que vae quasi ao exagero, attrahe todos que teem a felicidade de falarem com elle. O seu olhar vivo é o espelho da alma, do bondoso coração que possui. Verdadeiro fidalgo, o seu trato é igual para todos, para elle não ha rico nem pobre, a todos fala como irmãos. O cabelo branco dá-lhe um aspecto de figura antiga como vêmos em telas dos pintores do seculo passado.

Artista, grande amante e cultor da sublime arte de Bach, o sr. marquez de Borba occupa actualmente, no nosso meio musical, um lugar preponderante».

São dizeres de inteira justiça, a que de todo o coração nos associamos.

*

Está exercendo interinamente as funcções d'inspector do Conservatorio, o sr. dr. Julio Dantas, director da secção de Arte Dramatica.

Em 9 d'este mez organisou o illustre dramaturgo, no referido estabelecimento, um pequeno concurso de recitação entre tres alumnos dos mais adeantados, sendo a peça escolhida o *Auto do Vaqueiro*, de Gil Vicente (adaptação moderna do dr. Lopes Vieira).

O jury foi constituido pelos srs. drs. Lopes Vieira, Augusto Mello e José Antonio Moniz. Os concorrentes foram os srs. Rey-

naldo Azevedo, Joaquim Almada e João Rodrigues Henriques, cabendo a este a primeira classificação e o premio (um estojo d'escriptorio em prata, offerecido pelo promotor do concurso).

*

Partiu ante-hontem para França o professor Georges Wendling, que deixou de fazer parte do corpo docente da *Academia dos Amadores*, como ultimamente noticiamos.

Georges Wendling conta estabelecer-se em Paris, ou em qualquer outra cidade franceza, conforme nos declarou na visita de despedida com que honrou esta redacção.

*

Apezar da affirmacão catholica de alguns jornaes, de que havia sido nomeado o professor Vianna da Motta para o logar de inspector do Conservatorio, não se confirma esta noticia, parecendo que, apezar do convite que n'esse sentido lhe foi feito, se não resolveu o illustre artista a acceitar o encargo.

Vianna da Motta deixa o nosso paiz no proximo domingo, 19.

*

Annuncia-se para o proximo domingo, em *matinée*, e no theatro Nacional, o concerto d'orchestra dirigido pelo sr. Julio Cardona. Ignoramos por ora a composição do programma.

*

Temos a promessa do sr. general Brito Rebello de continuar na nossa revista a serie de estudos historicos sobre musicos portuguezes, tão brilhantemente iniciada pelo nosso antigo e pranteado collaborador, dr. Sousa Viterbo.

O general Rebello é tambem um erudito investigador, que trabalhou muito com Sousa Viterbo, e o auxiliou largamente nas difficeis buscas da Torre do Tombo, onde se tem encontrado a maioria dos documentos que teem servido de base a estes estudos.

E' portanto valiosissimo o concurso do nosso novo collaborador, a quem vivamente agradecemos a honra com que distingue a nossa revista.

*

O *Orpheon Academico* de Coimbra, sob a direcção do nosso bom amigo Antonio Joyce, conta realisar, no proximo mez de abril

uma excursão a Paris. Esta idéia está suscitando, como póde suppor-se, um grande entusiasmo na população academica.

E ja que fallamos no *Orpheon*, cumpre registrar uma noticia que nos havia escapado a seu tempo.

Com receitas por elle creadas, em concertos e festas diversas, vae-se inaugurar brevemente em Coimbra o *Jardim-escola João de Deus*, destinado á educação primaria das creanças pobres. A realisação d'ideia tão philantropica e tão bella é dos melhores titulos de gloria, com que póde orgulhar-se o sympathico *Orpheon*; d'aqui o felicitamos calorosamente

*

Falla-se na nomeação da grande actriz Lucinda Simões, para reger um curso de arte dramatica no Conservatorio.

Como tudo o que se refere a este malfadado estabelecimento, nada ha por ora de positivo, nem de official. Esses boatos não representam senão a aspiração que cada um tem de vêr melhoradas as condições d'aquella casa d'ensino e o convencimento geral de que as cousas não podem continuar como até aqui.

Nomear Lucinda Simões, nomear Vianna da Motta. Tudo isso é optimo, mas affigura-se-nos que não basta para resolver o grave problema do ensino artistico do Conservatorio. O corpo está todo leso e a apposição de duas cataplasmas (com o devido respeito) tem ares de remedio local que poderá porventura alliviar o doente, mas que por certo o não cura...

*

Realisa-se em 21 d'este mez o concerto annual do professor Alberto Sarti.

Devem tomar parte n'elle algumas das suas mais laureadas discipulas.

*

Está em projecto um novo theatro destinado á exploração de opereta, comedia, etc. Vae ser construido na rua de Santo Antão, em frente do Atheneu Commercial, sendo o plano do distincto architecto Ventura Terra e devendo comportar 2264 logares.

Deve-se este empreendimento ao arrojado empresario, sr. Luiz Pereira, que adquiriu já todo o terreno preciso para a construcção.

ESTRANGEIRO

Em Altamura, terra natal de Mercadante, e em Napoles onde foi director do Conser-

vatorio, celebrou-se em 17 de dezembro o 40.º anniversario da morte do celebre compositor. Como se sabe, Saverio Mercadante esteve em Lisboa durante um anno e meio (1827-1828), dirigindo a orchestra do theatro lyrico e compondo para elle o *Adriano in Siria* e a *Gabriella de Vergy*. A sua opera *La testa di bronzo*, cantada pela primeira vez no theatro das Lorangeiras, em 3 de dezembro de 1827, foi escripta expressamente para essa pequena scena.

*

A formosa cantora Lina Cavalieri dedicou-se agora á litteratura e vae publicar brevemente um livro de contos, com o titulo de *Novellas da pobreza*.

*

Em Berlim cantaram-se duas operas novas: — *Königskinder* (Os filhos do rei), de Humperdinck e *Die Ratten* (Os ratos) de Gerhart Hauptmann.

A primeira já havia sido estreitada em Nova York, com exito bem superior ao que teve na captital allemã. Quanto aos *Ratos* (!), peça de grande realismo, foi, ao que parece, bastante applaudida e chamado o seu auctor varias vezes ao proscenio.

*

A veia viennense, em materia de operetas, parece que não se dispõe a estancar. Agora annunciam-se mais quatro: *O Mancebo* de Oscar Strauss, *Sua Magestade Mimi* de Bruno Granichstaden, *O Heroe Celeste* de J. Strauss e a *Bella Sueca* de Winterberger.



Falleceram os srs: — Joaquim Maria Sampaio, musico portuense; Francisco Antonio Ribeiro do Couto, popular compositor e director de varios grupos musicaes da Figueira; Annes Baganha, poeta distincto, de que *A Arte Musical* publicou em tempos alguns sonetos, e Antonio José da Silva Patacho, musico da Sé e professor de trombone.